



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA

ENDI FRANCINE CARVALHO MATIAS DOS SANTOS

**A CONTRIBUIÇÃO DO PENSAMENTO DE CAROLINA DE JESUS PARA
UMA EDUCAÇÃO DECOLONIAL**

JUAZEIRO-BA

2022

ENDI FRANCINE CARVALHO MATIAS DOS SANTOS

**A CONTRIBUIÇÃO DO PENSAMENTO DE CAROLINA DE JESUS PARA
UMA EDUCAÇÃO DECOLONIAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao colegiado do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia, sob a orientação da Professora Dra. Aurilene Rodrigues Lima.

JUAZEIRO- BA

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Regivaldo José da Silva/CRB-5-1169

S237c Santos, Endi Francine Carvalho Matias dos

A contribuição do pensamento de Carolina de Jesus para uma educação decolonial / Endi Francine Carvalho Matias dos Santos. Juazeiro-BA, 2022.
43 fls.: il.

Orientador (a): Profa. Dra. Aurilene Rodrigues Lima.

Inclui Referências

TCC (Graduação – Pedagogia) – Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas. Campus III. 2022.

1. Educação Decolonial. 2. Carolina Maria de Jesus. 3. Representatividade. 4. Resistencia. 5. Historia do Povo Brasileiro. I. Lima, Aurilene Rodrigues. II. Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas. III. Título.

CDD: 370.115

“Mas eu sou forte!

*Não deixo nada impressionar-me,
profundamente.*

Não me abato!”

Carolina Maria de Jesus



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS III
COLEGIADO DO CURSO DE PEDAGOGIA - CPG

CURSO DE PEDAGOGIA - LICENCIATURA

ATA DE APRESENTAÇÃO PÚBLICA DE MONOGRAFIA

Aos 28 dias do mês de dezembro de 2022, às 19:30h, reuniram-se no Auditório Multimídia do DCH III a professora Dra. Aurilene Rodrigues Lima, orientadora e M.a Raylane Nayara Souza Batista, membro da banca. Participou também como membro, de forma remota, o professor Dr. Pedro Paulo Souza Rios para avaliarem a Monografia intitulada A CONTRIBUIÇÃO DO PENSAMENTO DE CAROLINA DE JESUS PARA UMA EDUCAÇÃO DECOLONIAL da aluna Endi Francine Carvalho Matias dos Santos, trabalho de conclusão do Curso de Pedagogia - Licenciatura. Após análise e avaliação, a Banca Examinadora apresentou o seguinte parecer apreciativo, seguido da nota final do trabalho: O TCC de Endi Francine trata de um tema pertinente e necessário. Apresenta uma escrita potente com contribuições para o fazer acadêmico na perspectiva epistemológica decolonial, a partir dos estudos da Educação de Jovens e Adultos, étnico-raciais, de gênero e raça. A banca sugere revisão a partir das considerações feitas e aprova o trabalho.

NOTA (nove) 9,0.

juazeiro, 28 de dezembro de 2022

Prof.a Dra Aurilene Rodrigues Lima
Orientador(a)

Prof. Dr. Pedro Paulo Souza Rios
Membro da Banca Examinadora

M.a Raylane Nayara Souza Batista

Membro da Banca Examinadora

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, aos Santos e orixás que me velam, me guiam e me protegem.

Agradeço à minha filha Elis Helena, por me ajudar a evoluir e por me ensinar a ser amável de coração.

Agradeço aos meus pais pelo amor e apoio incondicionais, durante todos esses anos, sem eles não seria possível.

Agradeço a minha avó Otavina (in memória), por ter sido para mim o maior exemplo de força e superação, a sua representatividade é grande responsável pela mulher que hoje sou.

Agradeço aos meus irmãos, Emily e Francisco, pela amizade e cumplicidade de sempre.

Agradeço a minha prima irmã, Raísa, por sua ajuda tão significativa nesse processo.

Agradeço ao meu tio Beбето, por ser exemplo para mim de honestidade e retidão e por me ajudar a crer ainda mais na política. Agradeço a professora Maria Rita (Maíta), pela inspiração e por todo ânimo dado a mim.

Agradeço a minha orientadora, Aurilene, pela paciência, amabilidade e presteza. Agradeço também a todos os meus professores da Uneb, por terem sido essenciais na minha formação acadêmica e como ser humano.

RESUMO

O presente trabalho consiste em uma revisão bibliográfica, utilizando o método qualitativo, através de uma releitura da obra de Carolina Maria de Jesus. O trabalho está dividido em introdução, quatro capítulos, considerações finais e por fim, as referências utilizadas. O texto apresentado trata-se de uma leitura da obra “Quarto de Despejo”. O objetivo do trabalho foi evidenciar o pensamento de Carolina Maria de Jesus para uma educação decolonial. Já os objetivos específicos do trabalho foram: contribuir para o educador enxergar no aluno de EJA, um ser crítico, social e político; repensar a educação do aluno de EJA, considerando a importância das suas vivências para o seu processo intelectual e associar o reflexo de sua obra na contribuição da formação do pedagogo. Repensando e dialogando com os textos de Carolina, a partir de uma reflexão sobre os mesmos ficou evidente o quanto a autora através da sua escrita, denunciou o dia a dia de desigualdade social, miséria e violência impostas aos favelados que viviam à margem do rio Tietê, no Canindé, maior favela de São Paulo. Carolina Maria de Jesus desnudou nas turvas linhas da sua grafia o que há de mais cruel e indigente em um país: A fome! Pretende-se com este trabalho ajudar na formação emancipadora dos professores na educação de jovens e adultos, para que os educadores em suas salas de aula, contribuam para que os seus alunos se tornem sujeitos críticos e conscientes do seu próprio contexto social.

Palavras-chave: Educação decolonial. Carolina Maria de Jesus. Representatividade.

ABSTRACT

The present work consists of a bibliographic review, using the qualitative method, through a rereading of the work of Carolina Maria de Jesus. The work is divided into introduction, four chapters, final considerations and finally, the references used. The text presented is a reading of the work "Room of Eviction". The objective of this work was to highlight the thinking of Carolina Maria de Jesus for a decolonial education. The specific objectives of the work were: to contribute to the educator seeing in the student of EJA, a critical, social and political being; rethink the education of the student of EJA, considering the importance of their experiences for their intellectual process and associate the reflection of their work in the contribution of the pedagogue's formation. Rethinking and dialoguing with Carolina's texts, from a reflection on them it was evident how much the author through her writing denounced the day-to-day of social inequality, misery and violence imposed on the slums that lived on the banks of the Tietê River, in Canindé, the largest favela in São Paulo. Carolina Maria de Jesus has bared in the blurred lines of her spelling what is most cruel and indigent in a country: Hunger! This work aims to help in the emancipatory formation of teachers in the education of young people and adults, so that educators in their classrooms contribute so that their students become critical subjects and aware of their own social context.

Keywords: Decolonial education. Carolina Mary of Jesus. Representativeness.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
1- QUEM FOI CAROLINA MARIA DE JESUS	11
1.2 VIVÊNCIAS, MEDIAÇÃO E RESISTÊNCIA.....	16
2- A OBRA: QUARTO DE DESPEJO DA EDITORA ÁTICA	18
3- DIALOGANDO COM O PENSAMENTO DE CAROLINA MARIA DE JESUS	
25	
3.1 “Eu achei um par de sapatos no lixo, lavei e remendei para ela calçar” ..	25
3.2 “Eu não conseguir armazenar para viver. Resolvi armazenar paciência”	27
3.3 “E assim no dia 13 de maio de 1958 eu lutava contra a escravatura atual- a fome! ”	33
3.4 As dificuldades corta o afeto do povo pelos políticos	35
3.5 “E quando apodrece jogam fora para os corvos e os infelizes favelados”	36
4- A CONTRIBUIÇÃO DO PENSAMENTO DE CAROLINA DE JESUS PARA A FORMAÇÃO DO EDUCADOR DE JOVENS E ADULTOS.....	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	44

INTRODUÇÃO

Esta produção dialoga com o pensamento de Carolina Maria de Jesus a partir de alguns relatos apresentados na obra Quarto de Despejo da autora buscando destacar as contribuições desse modo de pensar e de se posicionar no mundo para uma perspectiva de educação decolonial de pessoas jovens e adultas.

O presente trabalho justifica-se pela falta de abordagem no campo da educação, precisamente na base curricular, da cultura afro-brasileira o que vem renovando a reprodução racista que ocorre no sistema educacional brasileiro. Modos de pensar que são diferentes da imagem do pensamento ocidental, sequer são considerados como pensamentos. E são excluídos das práticas educacionais com a intenção de que eles sejam abandonados, superados quando na verdade são construções próprias de um modo de existência.

Este estudo buscou dialogar com o pensamento da autora através da escrita de seus textos, ressaltando o seu modo de dizer as coisas, suas percepções e reflexões do seu cotidiano. Buscou também reafirmar o lugar de fala e pertencimento do povo negro que ocupou e enriqueceu esse espaço com sua cultura e vivência. É possível sim, falar da favela e de como a mesma engrandece e ajuda na compreensão do que é ser brasileiro no saber dentro dessas comunidades.

O conhecimento da trajetória de Carolina Maria de Jesus é uma maneira de introduzir autores negros para que sejam trabalhados e abordados no ensino com a finalidade de reescrever uma educação baseada na história do povo brasileiro.

A seleção da obra mencionada anteriormente se deu pelo fato de ser um dos textos mais conhecidas da autora. Segundo, porque o estudo desta obra oferece elementos importantes para compreender a forma complexa como a autora foi absorvida pelo meio intelectual da época.

Percebe-se que houve um renascimento na vida e obra da autora nos últimos anos. O que mereceria uma pesquisa para saber quais processos sociais está em curso e como vem possibilitando esse tipo de iniciativa. Acredita-se, portanto, que compreender os motivos que favoreceram essa

retomada é fundamental para refletir sobre a situação da mulher negra como escritora na sociedade brasileira e compreender o papel que seu trabalho desempenha na construção e desenvolvimento da disseminação do conhecimento. No entanto, isso extrapola as pretensões deste trabalho.

A partir de estudos sobre a vida e obra de Carolina de Jesus, pode-se refletir sobre a censura literária que atua nas instâncias de legitimidade (mercado editorial, universidades, escolas, faculdades literárias, mídia) ao desvalorizar alguns autores por considerar a categoria na qual os mesmos estão inseridos, e não o próprio texto.

Vale trazer à tona pelo menos um fato curioso sobre a canonização de alguns autores e a obliteração de tantos outros: em 2018, Conceição Evaristo se candidatou a uma vaga da Academia Brasileira de Letras, podendo ser a primeira mulher negra a manter tal posição. Os outros dez participantes eram brancos. Apesar de uma forte campanha a seu favor, a instituição elegeu outro homem branco, o cineasta Cacá Diegues, comprovando a homogeneidade da organização, cuja trajetória foi marcada pela exclusão de negros e mulheres. Em decorrência disso, busca-se trazer à luz a potência do pensamento de Carola Maria de Jesus para a formação de educadores, especialmente de EJA, no sentido de uma abertura para o outro.

Sendo bem-sucedida no que se propõe este trabalho, pode inclusive responder ao seguinte questionamento: O que uma "identidade" negra e feminina pode significar diante do entendimento de que tanto as categorias negro/negra são construções de uma negação, sobretudo, à serviço da instauração de um poder com intenções sem dúvida supremacistas e de uma educação com base na colonização europeia?

Esta pesquisa trata-se de uma revisão bibliográfica com abordagem qualitativa. A revisão bibliográfica sistemática qualitativa permite que seja realizada uma síntese de um ou de vários estudos contendo objetivos, materiais e métodos, claramente explicados e conduzidos de acordo com um método explícito, reproduzível e rigoroso, com a finalidade que os textos sejam identificados e que seja realizada uma avaliação crítica e após a análise seja realizada a síntese dos estudos ou dos textos mais relevantes.

A pesquisa pretende realizar um estudo da obra de Carolina de Jesus. Para tanto, foram utilizados artigos pesquisados sem bancos de dados

acadêmicos como Scielo e Google acadêmico de artigos que abordassem como tema a vida, a obra ou a vida e obra de Maria Carolina de Jesus.

Foram pesquisados artigos publicados no idioma português independente do ano de publicação e que estivessem disponíveis de maneira online e gratuita para pesquisa e download na internet. Além disso, para obter uma análise mais aprofundada do pensamento de Carolina Maria de Jesus, fiz a leitura dos dois livros: Carolina uma biografia, do escritor, jornalista e crítico literário, dramaturgo e roteirista, Tom Farias. E o outro Quarto de Despejo, o diário de uma favelada, em uma edição comemorativa que foi lançada em 2020, pela editora Ática.

Assim sendo, o presente trabalho tem como objetivo geral evidenciar o pensamento de Carolina Maria de Jesus para uma educação decolonial. A decoloniedade parte da perspectiva de desconstruir e afugentar padrões, concepções e panoramas impostos exigidos aos povos subordinados no decorrer de todos esses anos. Dentre os específicos podem ser destacados ainda: 1) Contribuir para o educador enxergar no aluno de EJA, um ser crítico, social e político; 2) Repensar a educação do aluno de EJA, considerando a importância das suas vivências para o seu processo intelectual e 3) Associar o reflexo de sua obra na contribuição da formação do pedagogo.

Nessa perspectiva, este trabalho se estrutura da seguinte forma: Introdução; Quem foi Carolina Maria de Jesus; Carolina de Jesus sobre a perspectiva da mulher negra, pobre e marginalizada; Vivências, mediação e resistência; A obra Quarto de despejo, o diário de uma favelada da editora Ática; Diálogo com o pensamento de Carolina Maria de Jesus; “Eu achei um par de sapatos no lixo, lavei e remendei para ela calçar; “Eu não consegui armazenar para viver. Resolvi armazenar paciência”; “E assim no dia 13 de maio de 1958 eu lutava contra a escravatura atual- a fome!; “As dificuldade corta o afeto do povo pelos políticos”; “E quando apodrece jogam fora para os corvos e os infelizes favelados”; Contribuição do pensamento de Carolina Maria de Jesus para a formação do educador de Jovens e Adultos; Considerações finais e referências bibliográficas.

1- QUEM FOI CAROLINA MARIA DE JESUS

Carolina Maria de Jesus nasceu em 1914 em Sacramento, cidade do interior de Minas Gerais, comunidade em que a autora cursou o ensino fundamental e aprendeu a ler ainda menor no interior trabalhando com a mãe para sobreviver. Aos vinte e três anos, emigrou para São Paulo e passou a morar em cortiços no centro da cidade, vivendo do trabalho doméstico. Com as chamadas reformas urbanas da década de 1940, Carolina de Jesus passou a ocupar a favela Canindé às margens do rio Tietê (OLIVEIRA, 2020).

Em São Paulo, em uma área urbana e densamente povoada com taxas de desemprego muito altas, Carolina de Jesus, mãe solteira de três filhos, José Carlos, João José e Vera Eunice, começa a recolher objetos de valor para sobreviver.

Diante de todo sofrimento e miséria em 1955, Carolina começa a escrever seu diário e ambiciona tornar-se escritora para mostrar sua própria realidade, que até hoje se replica em todo o território nacional e atinge grande parte da população brasileira. Ela relata as agruras de seu cotidiano, suas reflexões sobre seu sofrimento, sua fome, sua raiva dos políticos, sua obsessão de mudar de vida através da escrita e seu desejo de escrever um livro para tornar-se escritora (GONÇALVES, 2014).

Vale ressaltar que antes de migrar para a metrópole de São Paulo, a autora já escrevia poesia e um de seus textos intitulado “O colono e a fazenda”, no ano de 1941 que foi publicado no jornal Folha da manhã. O poema em destaque é baseado no cotidiano de Carolina de Jesus na zona rural do interior mineiro, relatando seu trabalho braçal árduo e a desigualdade de classes. O texto traz uma crítica contundente ao sistema capitalista e aos resquícios do sistema escravista brasileiro.

Através de sua observação e experiência afloradas, Carolina de Jesus, escreveu textos que trataram de amplas e importantes questões sociais. A autora tentou divulgar seu diário, intitulado “Quarto de despejo”, enviando-o a várias editoras. Em 1958 conheceu o jornalista Audálio Dantas enquanto compilava uma de suas reportagens sobre a expansão das favelas às margens do rio Tietê (OLIVEIRA, 2020).

Em 1960 Carolina de Jesus publicou seu primeiro livro: “Quarto de despejo”, e neste momento, ela se tornou uma das maiores escritoras negras brasileiras a ser reconhecidas no exterior. Sua obra vendeu mais de dez mil exemplares em uma semana, e foi traduzida para três idiomas e vendida em mais de quarenta países (GONÇALVES, 2014).

Nesse contexto, em 1961, a escritora saiu da favela e comprou a cobiçada casa de pedra. Além disso, ela percorreu vários estados e conheceu diversas figuras públicas como Jorge Amado, Ruth de Souza, políticos da época, entre outros.

No entanto, em 1964 o sucesso foi interrompido pelo golpe militar no país. A autora trocou sua casa de alvenaria por uma fazenda em Palheiros, interior de São Paulo, e aí pode desenvolver atividades agrícolas em uma pequena fazenda onde criou porcos para sobreviver e morreu no ano de 1977, aos sessenta e dois anos (DA ROSA; DA SILVA, 2020).

A história contada por Carolina de Jesus envia, além da crítica social, a mensagem de luta, força e superação de uma mulher negra brasileira que tenta sair da miséria. Uma realidade histórica que se repete diariamente no país e não pode, e nem deveria sofrer obliteração histórica. Pelo contrário, esta história deve ser a base de estudos voltados para a mudança da sociedade. Para isso é importante estimular a reflexão desse trabalho no ambiente escolar a fim de estimular o senso crítico dos alunos.

1.1 CAROLINA DE JESUS SOBRE A PERSPECTIVA DA MULHER NEGRA, POBRE E MARGINALIZADA

Quarto de despejo é um diário em que a personagem autobiográfica conta seu cotidiano como catadora de papel e moradora de uma das maiores favelas de São Paulo. Mesmo com pouca escolaridade, a protagonista adorava ler e escrever, como afirma em “Todo mundo tem um ideal. O meu é gostar de ler” (JESUS, 2014, p. 19).

Ela sonhava em ser escritora e por isso sempre dedicou parte do seu tempo à leitura e à escrita em seus cadernos, nos quais compartilhava um pouco de suas experiências e medos. Diante de todas as dificuldades que

encontrou, não deixou de acreditar que poderia representar a si mesma e a realidade na qual estava inserida e vivia na pele através de suas linhas cursivas.

De acordo com a obra de Resende (1977):

Carolina aprendeu a ler e escrever mais ou menos como a larga maioria dos brasileiros que sabem ler e escrever, isto é, com dois anos de ensino regular. Pobre-diabo, tinha todos os títulos para ser escritora- e mais um: era catadora de papel; como se sabe, o papel é de todos os ingredientes o mais indispensável ao ofício de escrever. Carolina catava papel e tinha o que dizer; tinha essa mistura de raiva e ternura que leva a vã tentativa de cuspir o que bloqueia a garganta e ameaça matar por asfixia, se não for dito; não sei se queria explicar o mundo, ou se queria transformá-lo; talvez quisesse explicar-se e transformar-se com alguma impertinência, o que acabou por devolvê-la a pobreza e a obscuridade, o êxito frequentemente detesta os que o merecem (1977, p.187).

No entanto, o prazer de ler e escrever eram desconhecidos e, portanto, desprezado por seus vizinhos, como mostram os fragmentos. “Eu nunca vi uma mulher negra que ama livros como você”. “Você escreve, mulher negra! ”. (JESUS, 2014, p. 19-20).

Para Noronha (2014), “essa suposta figura literária, é detestada e atrai todo sarcasmo. Ele ainda menciona que “Uma mulher que escreve e, sobretudo, publica, é uma mulher desnaturada”. Isso porque ao longo dos séculos a sociedade criou um estereótipo da mulher ter que casar, ter filhos e cuidar da casa, uma representação pontuada pelo silêncio e vários tipos de violência é marcada.

Tratando-se da figura da mulher negra, alguns estudiosos que abordam questões de gênero, confirmam que ela permanece em um patamar ainda mais invisível do que a mulher branca, pois raramente ocupam papéis de destaque na literatura, mesmo como protagonistas ou escritoras, mas também no meio social, ao preencher cargos de renome, por exemplo.

Segundo Miranda (2013):

Carolina irrompia de um quadro nacional histórico de desigualdade para com a mulher negra. Com efeito, no meio do século XX, o feminino negro constituía um corpo autoral praticamente ausente no sistema literário nacional- eu-rocêntrico por definição- de modo tal que as exceções só confirmavam a regra. Para a primeira recepção de Carolina, era sua própria condição autoral, forjada na intersecção de gênero, raça e classe, que gerava surpresa, susto e, principalmente, reação: não havendo imaginário social que concebesse a mulher negra como produtora, e diante de uma produção literária transgressora que produzia de censos em torno da construção discursiva do progresso

moderno, a crítica muitas vezes optou por destacar do texto seus “erros” de português e a condição “semianalfabeta” da autora (2013, p.246).

Na maioria dos casos em que as mulheres negras aparecem nas reproduções de obras literárias de escritores brasileiros, sua imagem é perpetuada pela evolução da escravidão, em que as personagens desempenham os papéis de empregadas, amantes, entre outros.

Tais funções se baseiam em uma narrativa racista que cria um caminho de negligência dentro da trajetória literária, em que a figura da mulher negra é quase sempre marcada pela invisibilidade, contornando um estado de dependência e utilidade.

Miranda (2013) ainda menciona que:

No texto caroliniano pulsa uma voz narrativa que desvia, que escapa, que surpreende. A partir de seu olhar, sentimos o interior da fibra do tempo na matéria humana, nas cores, nos sorrisos. As posicionalidades sociais estão visíveis e nada escapa à sutileza da sua ponderação. Textualidade inaudita que produz outra cidade, mas complexa, fraturada, em dissenso. Que pincela os meandros e as distâncias, mas relações, em seus preconceitos pressupostos e jogos de forças (2013, p.247).

Isso se deve à construção histórica que, segundo Ribeiro (2019), estabeleceu um padrão associando a imagem da mulher negra apenas ao corpo, sem considerar seu lado intelectual. Nesse aspecto, a mulher negra existe em uma terceira borda, condicionada por seu gênero, cor da pele e condição econômica, e ocupa a posição do outro do outro (RIBEIRO, 2019, p. 38).

Embora tenha se expandido para incluir as discussões sobre as noções de gênero e etnia, muitos paradigmas ainda precisam ser quebrados, afinal, desde a constituição do país, o panorama situacional do negro no Brasil tem sido ignorado por diversas áreas.

Por isso, embora Carolina seja considerada um marco na escrita feminina negra brasileira, nem seu nome nem o de outras escritoras negras constam na lista dos cânones literários. Daí a exclusão que permeia a literatura brasileira é nítida, pois as autoridades legítimas que definem o que deve ser lido muitas vezes silenciam algumas vozes que fazem parte de uma classe marginalizada que pertence a um sistema capitalista onde o branco sobre o negro e o masculino sobre o feminino.

Diante do que foi dito, é importante discutir e diferenciar os estudos em torno de conceitos como representatividade e lugar de fala. A representatividade é entendida como a conexão entre a fala e a imagem de uma pessoa que constitui os interesses de seu grupo e reproduz a discriminação ou privilégios que ela possui na sociedade.

Carolina Maria de Jesus estabelece no texto nacional a experiência histórica do sujeito marginalizado na modernidade e revela o profundo estado da colonialidade brasileira ao mostrar a desigualdade (raça, gênero e classe) no epicentro do espaço moderno; Assim, tornam-se visíveis as diferentes faces do desenvolvimento, retratando o lado opressor e violento da São Paulo metropolitana em meados do século XX – quando o progresso dava o tom da política material e discursiva da cidade (MIRANDA, 2013).

Em suma, a exemplo de Carolina Maria de Jesus, o consenso sobre a ideia positiva de uma metrópole do progresso tornou-se inviável, pois sua escrita acionou o outro lado da modernidade: a colonialidade, manifestada nos processos acelerados de racialização da pobreza, urbanização de favelas, concentração de violência, etc. - aspectos óbvios e inerentes ao desenvolvimento econômico (MIRANDA, 2013).

Por outro lado, é preciso entender que cada pessoa possui experiências únicas, portanto, cada um tem uma perspectiva diferente ao falar sobre elas, levando em consideração as experiências do meio social em que estão inseridas. Surge então o debate sobre o lugar da fala, visando garantir espaços para que cada grupo se afirme na esfera que possa ocupar e reproduzir sua própria voz sem ter que passar por estudos e olhos de outras pessoas (RIBEIRO, 2019).

O texto de Carolinas é moldado pelo estereótipo de uma mulher negra, um grupo que integra um local de linguagem específico. A autora utiliza o local onde está gravada para traçar aspectos de sua realidade e utiliza a prática adquirida nesse ambiente para criticar e denunciar a sociedade da época. Para tanto, ela tem o poder da escrita como meio de compor o caráter da mulher que tem livre arbítrio para expressar suas próprias opiniões sem que ninguém precise fazê-lo em seu lugar.

Através de “Quarto de despejo”, uma verdade até então desconhecida na literatura foi introduzida no cenário literário brasileiro, o que tornou o livro um

destaque de vendas com uma edição inicialmente esgotada. No entanto, vale ressaltar que embora este tenha sido o título mais famoso que projetou o nome da autora e a popularizou no Brasil e em vários outros países, ela publicou outros.

A importância do reconhecimento das escritoras negras chama a atenção para a dimensão dessa escritora, que possibilita quebrar preconceitos e inserir a mulher no mundo como sujeito ativo, crítico e dono de seu espaço social. Sobre a representação da mulher negra na literatura brasileira, Conceição Evaristo afirma:

[...] as escritoras negras buscam inscrever no corpus literário brasileiro imagens de um auto-representação. Criam, então, uma literatura em que o corpo-mulher-negra deixa de ser o corpo do “outro” como objeto a ser descrito, para se impor como sujeito-mulher-negra que se descreve, a partir de uma subjetividade própria experimentada como mulher negra na sociedade brasileira. Pode-se dizer que o fazer literário das mulheres negras, para além de um sentido estético, busca semantizar um outro movimento, ou melhor, se inscreve no movimento a que abriga todas as nossas lutas. Toma-se o lugar da escrita, como direito, assim como se toma o lugar da vida (2005, p. 54).

Nessa perspectiva, pode-se dizer que a inserção da mulher negra tanto na literatura quanto em outras esferas de poder abre novos caminhos para uma retificação da historiografia, campo em que essa categoria é marginalizada e subordinada à cultura dominante.

Diante disso, o texto de Carolina ressalta a importância da história do ponto de vista de quem vê de baixo, que levou muita gente a conhecer mais sobre a dura realidade dos favelados e chamou a atenção para os problemas sociais, e reproduz não apenas os autores voz, mas também a de todo um povo que se identifica com a sua história.

Assim apresenta uma literatura polêmica e forte crítica social, partindo de sua perspectiva, como possuidora de sua própria história.

1.2 VIVÊNCIAS, MEDIAÇÃO E RESISTÊNCIA

Carolina Maria de Jesus, com sua história auto contada, torna-se um incentivo para autores de sua própria história que lutam pela transformação social depois de crescidos. Como Carolina contra todas as probabilidades, esses indivíduos estão retornando ao ambiente escolar para uma mudança de

vida. Alguns dos alunos veem seus estudos como uma forma de resistência e nessa perspectiva a mediação tem que se provar mais uma vez.

De acordo com Gandara (2020, p. 25), a ideia de um professor (ou educador) mediador tem a ver com uma posição onde o diálogo acontece e não apenas a transmissão de conhecimento.

Pode-se observar, portanto, a importância da educação inovadora concebida por Freire (1996) ao colocar ênfase na experiência do aluno e posicionando-o como construtor de seu conhecimento.

O educador, tem a oportunidade de utilizar as obras de Carolina Maria de Jesus para estimular o aluno a refletir, participar, aprender e transferir conhecimentos para o grupo. Ele deve procurar compreender que não é o detentor de todo o saber, mas um profissional em processo (GANDARA, 2020).

É importante que o mediador sempre reflita e compreenda outros indivíduos que, como parte de uma sociedade, é ator social de sua própria trajetória de vida com saberes diferentes em sua experiência vivida. Um exemplo desse aprendizado adquirido no ambiente informal pode ser observado em Carolina que, embora raramente frequentasse o ambiente escolar viveu para se destacar (SILVESTRE, 2006, p. 66).

Portanto, é necessária a mediação de um profissional sensível para apreender as habilidades preexistentes dos alunos, outras questões sociais devem ser levadas em consideração, uma delas é a questão racial e a educação antirracista, que deve ser considerada de grande importância na sociedade brasileira.

Através da sua história de vida, Carolina Maria de Jesus encoraja todas as pessoas que batalham por transformação. É importante salientar a necessidade de uma educação emancipadora, que objetiva dar voz e autonomia aos alunos, tornando-os sujeitos responsáveis da sua própria história. Contudo, é preciso que haja a mediação de um educador sensível as questões sociais dos seus alunos. A seguir, discutiremos sobre a edição comemorativa do livro Quarto de Despejo, o diário de uma favelada.

2- A OBRA: QUARTO DE DESPEJO DA EDITORA ÁTICA

A edição comemorativa do Quarto de despejo, diário de uma favelada, foi lançada em 2020 pela editora Ática, surgiu desse diário de Carolina Maria de Jesus este legítimo exemplar de literatura-verdade, que descreve o dia a dia infeliz e desumano de uma mulher preta e mãe solo que subsiste como catadora de papel e se desdobra para dar existência aos seus filhos e para não morrer de fome à beira do rio Tietê, na favela do Canindé, em São Paulo. Inserida em um ambiente de muita miséria e discrepância de gênero e raça, e de classe, nos esbarramos com um penoso cotidiano de quem não tem amanhã, mas que mesmo assim sobrevive perante a indignância, pobreza e violência. E entendemos com descontentamento que mesmo tendo sido grafado na década de 50, esta obra continua sendo atual.

Quem ousar a ler este livro, que leia ciente que o mesmo causará um choque de nervos, levando-o a um embate de questionamentos. É esperado de Carolina através dessa obra, não apenas receber títulos. A escrita fulminante de Carolina é uma acusação sem volta.

O dia a dia da favela já foi narrado por vários autores, e de distintas maneiras. Nesse livro, a visão é outra: É a perspectiva de quem realmente vive na favela. Sendo mais específica, é a visão de uma catadora de papel que só teve acesso ao ensino formal por apenas dois anos.

Quarto de despejo: Diário de uma favelada, é um relato pessoal de Carolina Maria de Jesus, que saiu da sua cidade natal em Sacramento, Minas Gerais, mãe de três filhos e moradora do Canindé, que foi a primeira grande favela de São Paulo. O presente livro descreve, a dura realidade dos favelados do século de 1950. Os hábitos dos seus moradores, a indignância, a violência, a fome e a falta de oportunidades.

Muitas décadas se passaram, São Paulo cresceu, mas a verdade de quem vive nessas comunidades mudou muito pouco. Isso torna a obra de Carolina Maria de Jesus atemporal. Publicado em 1960 e traduzido para 13 idiomas, Quarto de despejo vendeu mais de 1 milhão de cópias, além de ter sido distribuído em 40 países, segundo dados do IPHAN. Essa obra é um

referencial considerável para os estudos socioculturais tanto no Brasil como no exterior.

A editora Ática para celebrar os 60 anos de existência da obra, organizou essa nova edição que, além de trazer um texto cru e impactante da autora, inclui uma triagem de prefácios, ensaios acadêmicos e artigos de jornal que mostram um pouco da receptibilidade do juízo da obra ao longo de mais de seis décadas. Esse exemplar contém logo nas primeiras páginas, a grafia fidedigna de Carolina Maria de Jesus, a sua escrita em quatro relatos.

O sumário é organizado da seguinte forma: Apresentação; Prefácio; O Diário de Carolina Maria (15 de julho de 1955 a 1 de janeiro de 1960); Fortuna Crítica; 1962- O diário de Carolina, por Alberto Moravia; 1977- Luzes no Quarto de despejo, por Otto Lara Resende; 1983- Trabalho, pobreza e trabalho intelectual (o Quarto de despejo, de Carolina Maria de Jesus), por Carlos Vogt; 1993- A atualidade do mundo de Carolina, por Audálio Dantas; 1995- A leitura no quarto dos fundos, por Marisa Lajolo; 1998- Carolina Maria de Jesus: emblema do silêncio, por José Carlos Sebe Bom Meihy; 2014- A proposta estética em Quarto de despejo, de Carolina de Jesus, por Elzira Divina Perpétua; 2020- Dicção e devir em Carolina Maria de Jesus, por Fernanda Miranda; Carolina Maria de Jesus, a vida, a obra e as ideias da autora de Quarto de despejo; Referências bibliográficas; Obras da autora; Sobre o ilustrador.

Tal seleção junta à visão de escritores estrangeiros, como Alberto Moravia; críticos literários, como Marisa Lajolo, Carlos Vogt, Elzira Divina Perpétua, Fernanda Miranda; historiadores como José Carlos Sebe Bom Meihy, e jornalistas, como Audálio Dantas, que publicou a primeira edição do livro, pelos editores Francisco Alves e Otto Lara Resende.

O exemplar abrange dois textos inéditos, o prefácio da escritora Cidinha da Silva e um conteúdo da pesquisadora Fernanda Miranda, além de reproduções dos escritos da autora e algumas fotografias. O ajustamento dessa publicação comemorativa ocorre coincidentemente ao da 1ª edição da adequação teatral do diário, assinalado por Edy Lima e representado em 1961, com direção de Ammir Haddad, tendo a atriz Ruth de Souza no papel de Carolina Maria de Jesus.

O preconceito transpassa e delibera a ascendência e o declínio de Carolina Maria de Jesus no sistema literário brasileiro. Nesse sentido, vale ressaltar, que o estudo mais frequente escapa nos “mecanismos sociais” que proporcionaram seu destaque e cultivaram também o seu esquecimento. Destaco que essa edição considera devotamente a linguagem da autora, que por muitas vezes aborrece a gramática, abrangendo a grafia e a acentuação das palavras, que elucida com racionalidade a maneira do povo ver e enxergar o seu mundo.

A seguir, podem ser observados trechos fidedignos da escrita de Carolina Maria de Jesus.

5 de Dezembro de 1958. 11-2

A Sêta contou-me que a filha da dona Doca está presa, porque o seu esposo lhe pegou em adultério com um homem que tem 2 dentes de ouro.

8 de Dezembro de 1958.

11-14

De manhã o padre veio dizer a missa. Hontem elle veio com o lano capela e disse aos foteleiros que elles precisam ter filhas. — porque ha de ser o polue quem ha de ter filhas — se filhas de polue tem que ser opianis.

11 de Dezembro de 1958¹¹⁻²⁰

Concei queixar para a dona
Maria das Coelhas que o que
eu ganho não dá para tratar
as filhas como se devem.

Elas não têm roupas, nem o que
comer. E eu não paro um minuto
isto tudo que se pode ver,
e a miséria continua firme
ao meu lado.

Ela disse-me que já está com
nózo de vida. Que não vê a
hora de morrer.

Ante seus lamentos e silêncio
e disse: Che!

Mas já estais predestinados
a morreres de fome!

73 de Agulho. de 1958.

Vendo-me escrevendo, perguntam-me: dona Landina, eu estou neste livro?

- Deixe eu ver!

- Não. Que vai ter isto, é o senhor Afudalis Santos que vai publica-lo.

- É porque é que eu estou misto?

Você está aqui, porque naquele dia que o Afrim brigou com você e começou bater-te

você saiu correndo para a rua. E as crianças começaram a rir e perguntavam porque é que a banda das mulheres tá lobelas?

Ela não gostou e disse-me!

- O que é, que a senhora ganhou com isto?

19 de dezembro de 1958. 11-94
 Amanheci com dor de cabeça
 e dor no peito.

Acorda. Não se tem nada para
 comer.

Eu mandei o
 João ir no ferro velho vender
 um pouco de estopa e uns
 ferros. Ele ganhou 23.

percebi que havia
 melhorado. Sentir na cama
 e comecei costurar os pulgões.
 A idêntia da manhã já ia
 afastando-se. E eu comecei
 fazer planos para o futuro

3- DIALOGANDO COM O PENSAMENTO DE CAROLINA MARIA DE JESUS

3.1 “Eu achei um par de sapatos no lixo, lavei e remendei para ela calçar”

“15 de julho de 1955

Aniversário de minha filha Vera Eunice. Eu pretendia comprar um par de sapatos para ela. Mas o custo dos gêneros alimentícios nos impede a realização dos nossos desejos. Atualmente somos escravos do custo de vida. Eu achei um par de sapatos no lixo, lavei e remendei para ela calçar.

Eu não tinha um tostão para comprar pão. Então eu lavei 3 litros e troquei com o Arnaldo. Ele ficou os litros e deu-me pão. Fui receber o dinheiro do papel. Recebi 65 cruzeiros. Comprei 20 de carne. 1 quilo de toucinho e 1 quilo de açúcar e seis cruzeiros de queijo. E o dinheiro acabou-se.

Passei o dia indisposta. Percebi que estava resfriada. A noite o peito doía-me. Comecei tossir. Resolvi não sair a noite para catar papel. Procurei meu filho João José. Ele estava na rua Felisberto de Carvalho, perto do mercadinho. O onibus atirou um garoto na calçada e a turba afluiu-se. Ele estava no núcleo. Dei-lhe uns tapas e em cinco minutos ele chegou em casa.

Ablui as crianças, aleitei-as e ablui-me e aleitei-me. Esperei até as 11 horas, um certo alguém. Ele não veio. Tomei um melhoral e deitei-me novamente. Quando despertei o astro rei deslizava no espaço. A minha filha Vera Eunice dizia: - Vai buscar água mãe! (JESUS, carolina. 2020, p. 19)”

Um relato direto e impactante, onde a autora descreveu o dia que Vera Eunice, sua filha, fez nova idade. A dificuldade do dinheiro que era escasso. O alto custo dos alimentos. A escravidão que se desvelava aí, pelo pouco dinheiro. O dinheiro era pouco.

O dinheiro não dava e nem supria às mínimas necessidades do dia a dia, que dirá comprar um par de sapatos novos para a filha, esse era o desejo de Carolina, mas a escravidão que ela era submetida ao alto custo de vida, lhe restringia de realizar os seus desejos. Não pôde dar-lhe um par de sapatos novos. Achou um no lixo, lavou, remendou e deu à filha. Sentia que tinha vindo ao mundo predestinada para catar lixo.

Carolina não se sentia incapaz em realizar o sonho de Eunice. A sensação não era de impotência. Porque apesar indigência, ela agia. Ser pobre

não lhe era uma condição passiva, estável e nem sedentária. A sua luta era incessante. Carolina enfrentava com muita valentia a penúria.

Carolina Maria de Jesus não esperava com os braços cruzados que as oportunidades lhe caíssem do céu. E mesmo quando se lamentava e se maldizia, ela já arquitetava em sua cabeça inquieta, a solução para o problema. Ao mesmo tempo em que ela descrevia a sua rotina perpassada por uma série de dificuldades e restrições, Carolina ia à busca para resolver. A redatora relata, que lavou 3 litros e trocou lá no Arnaldo por dinheiro.

Cada litro referido é um vasilhame de vidro de 1 litro. Na época os vasilhames eram retornáveis nos postos de venda, para serem devolvidos às fábricas. O sentimento na verdade era de submissão. Já tinha sido extinta a escravidão. Mas estavam ainda no regime da chibata. Dar a Eunice um par de sapatos novos, lhe era um sonho distante e inatingível. A miséria também revoltava as crianças.

A dura realidade de subsistir na indigência adoecia Carolina. A sua alma enchia-se de amargura. E esse amargor se refletia também na saúde do seu corpo físico. Carolina Maria de Jesus sabia que precisava sair à noite para catar papel, porque era do lixo que ela tirava o seu provento. Mas a disposição faltava-lhe. Não havia saúde para ir ao lixo catar papel.

Mãe solo de três filhos. Só. Sem dinheiro, sem comida, sem alguém por ela, sem a atenção do governo. A favela prestava muita atenção a isso. A pergunta: alguém já lhe deu uma esmola? Ela sim era pelos filhos. Única responsável por seus descendentes. E mesmo cuidando sozinha da criação dos seus, mesmo sem ser considerada no mundo e no tempo em que vivia, ela se empenhava para ter autoridade e voz altiva em casa. E por isso mesmo de dentro de casa, a mãe observava atentamente o filho que estava a brincar com os colegas na rua.

João José, seu filho, estava com outros guris correndo, próximo a mercadinho, na rua Felisberto de Carvalho, quando um ônibus atirou um dos outros meninos no chão. José estava junto com a maloca na rua. Rua tem nome, tem mercadinho, passa ônibus. A rua não está na favela, a favela é expulsa da rua. O ônibus atirou um garoto na calçada. A tuba afluiu, foi lá, presenciou e sentiu o golpe. Carolina advertiu o advertiu do perigo, deu-lhe uns tapas nas costas e minutos depois o mesmo já estava dentro de casa.

Acalmando-os a mãe os colocou na cama para dormir. Deu-lhes leite. Abluiu-lhes, lavou, purificou. Limpou os filhos. Depois tomou leite e também se lavou. E mesmo exausta da sua labuta diária, Carolina esperou até um pouco antes da meia noite por certo alguém. Mas esse alguém não apareceu.

Em uma atitude resiliente, Carolina Maria de Jesus tomou um analgésico para o resfriado e mal-estar e deitou-se novamente. Uma pena esse remédio não curar as agruras da alma. Deitou-se talvez, na esperança que o astro sol raiasse um dia melhor e com alguma oportunidade para ela e para os seus. Mas os gritos da filha acordaram para mais um dia de labuta.

3.2 “Eu não conseguir armazenar para viver. Resolvi armazenar paciência”

“19 de julho

Despertei as 7 horas com a conversa dos meus filhos. Deixei o leito, fui buscar água. As mulheres já estavam na torneira. As latas em fila. Assim que cheguei a Florenciana perguntou-me:

-De que partido é aquela faixa?

Li P.S.B. e respondi Partido Social Brasileiro. Passou o Senhor Germano, ela perguntou novamente:

-Senhor Germano, essa faixa é de que partido?

-Do Janio!

Ela jubilou-se e começou a dizer que o Dr. Adhemar de Barros é um ladrão. Que só as pessoas que não presta é que aprecia e acata o Dr. Adhemar. Eu, e D. Maria Puerta, uma espanhola muito boa, defendíamos o Dr. Adhemar. D. Maria disse:

-Eu, sempre fui ademarista. Gosto muito dele, e de D.Leonor.

A Florenciana perguntou:

-Ele já deu esmolas a senhora?

-Já, deu o Hospital das Clínicas.

Chegou a minha vez, pois a minha lata para encher. A Florenciana prosseguiu elogiando o Janio. A água começou a diminuir na torneira. Começaram a falar da Rosa. Que ela carregava água desde as 4 horas da madrugada, que ela lavava toda roupa em casa. Que ela precisa pagar 20 cruzeiros por mês. Minha lata encheu, eu vim embora.

{..} Estive revendo os aborrecimentos que tive esses dias {...} Suporto as contingências da vida resoluto. Eu não conseguir armazenar para viver. Resolvi armazenar paciência.

Nunca feri ninguém. Tenho muito senso! Não quero ter processos. O meu registro geral é 845.936.

Fui no depósito receber o dinheiro do papel. 55 cruzeiros. Retornei depressa, comprei leite e pão. Preparei Toddy para as crianças, arrumei os leitões, pois feijão no fogo, varri o barraco. Chamei o Senhor Ireno Venancio da Silva para fazer um balanço para os meninos. Para ver se eles permanece no quintal para os vizinhos não brigar com eles. Dei-lhe 16 cruzeiros. Enquanto ele fazia o balanço, fui ensaboar as roupas. Quando retornei, o Senhor Ireno estava terminando o balanço. Fiz alguns reparos e ele terminou. Os meninos deu valor ao balanço só na hora. Todos queriam balançar ao mesmo tempo!

Fechei a porta e fui vender as latas. Levei os meninos. O dia está calido. E eu gosto que eles receba os raios solares. Que suplicio! Carregar a Vera e levar o saco na cabeça. Vendi as latas e os metais. Ganhei 31 cruzeiros. Fiquei contente. Perguntei:

-Seu Manoel, o senhor não errou na conta?

-Não, Porque?

-Porque o saco de latas não pesava tanto para eu ganhar 31 cruzeiros. É a quantia que eu preciso para pagar a luz.

Despedi-me e retornei-me. Cheguei em casa, fiz o almoço. Enquanto as panelas fervia eu escrevi um pouco. Dei almoço as crianças, e fui no Klabin catar papel. Trabalhei depressa pensando que aquelas bestas humanas são capás de invadir o meu barracão e maltratar os meus filhos. Trabalhei apreensiva e agitada. A minha cabeça começou a doer. Elas constuma esperar eu sair para vir no meu barracão expandir os meus filhos. Justamente quando eu não estou em casa. Quando as crianças estão sosinhas e não podem defender-se.

{...} Nas favelas, os jovens de 15 anos permanecem até a hora que elas querem. Mescla-se com as meretrizes, contam suas aventuras{...}

Há os que trabalham. E há os que levam a vida a torto e a direito. As pessoas de mais idade trabalham, os jovens é que renegam o trabalho. Tem as mães, que catam frutas e legumes nas feiras. Tem as igrejas que dá pão. Tem o São Francisco que todos os meses dá mantimentos, café, sabão etc.

{...} Elas vai na feira, cata cabeça de peixe, tudo que pode aproveitar. Come qualquer coisa. Tem estomago de cimento armado {...} As vezes eu ligo o radio e danço com as crianças, simulamos uma luta de boxe. Hoje comprei marmelada pra eles. Assim que dei um pedaço a cada um percebi que eles me dirigiam um olhar terno. E o meu João José disse:

-Que mamãe boa!

Quando as mulheres feras invade o meu barraco, os meus filhos lhes joga pedras. Elas diz:

-Que crianças mal iducadas!

Eu digo:

-Os meus filhos estão defendendo-me. Vocês são incultas, não pode compreender. Vou escrever um livro referente a favela. Hei de citar tudo que aqui se

passa. E tudo que vocês me fazem. Eu quero escrever o livro, e vocês com estas cenas desagradáveis me fornece os argumentos.

A Silvia pediu-me para retirar o seu nome do meu livro. Ela disse:

-Você é mesmo uma vagabunda. Dormia no Albergue Noturno. O seu fim era acabar na maloca.

Eu disse:

-Está certo. Quem dorme no Albergue Noturno são os indigentes. Não tem recurso e o fim é mesmo nas malocas, e Você, que diz nunca ter dormido no Albergue Noturno, o que veio fazer aqui na maloca? Você era para estar residindo numa casa própria. Porque sua vida rodou igual a minha?

Ela disse:

-A única coisa que você faz é catar papel.

Eu disse:

-Cato papel. Estou provando como vivo!

{...} Estou residindo na favela. Mas se Deus me ajudar hei de mudar daqui. Espero que os políticos estingue as favelas. Há os que prevalecem do meio em que vive, demonstram valentia para intimidar os fracos. Há a casa que tem cinco filhos e a velha é quem anda o dia inteiro pedindo esmola. Há as mulheres que os esposos adoecem e elas no penado da enfermidade mantem o lar. Os esposos quando vê as esposas manter o lar, não saram nunca mais.

{...} Hoje não saí para catar papel. Vou deitar. Não estou cansada e não tenho sono. Ontem eu bebi uma cerveja. Hoje estou com vontade de beber outra vez. Mas, não vou beber. Não quero viciar. Tenho responsabilidade. Os meus filhos! E o dinheiro gasto em cerveja faz falta para o essencial. O que eu reprovo nas favelas são os pais que mandam os filhos comprar pinga e dá as crianças para beber.

E diz:

-Ele tem lumbriga.

Os meus filhos reprova o álcool. O meu filho João José diz:

-Mamãe, quando eu crescer, eu não vou beber. O homem que bebe não compra roupas. Não tem rádio, não faz uma casa de tijolo.

O dia de hoje me foi benéfico. As rascoas da favela estão ver e sabe que é contra elas. Resolveram me deixar em paz. Nas favelas, os homens são mais tolerantes, mais delicados. As bagunceiras são as mulheres. As intrigas dela é igual a de Carlos Lacerda que irrita os nervos. E não há nervos que suporta. Mas eu sou forte! Não deixo nada impressionar-me profundamente. Não me abato. (JESUS, carolina. 2020, p.24)”

A escrita do relato desse dia é marcada por conversas tensas e hostis que a autora tem com os vizinhos de barraco. Às 07h00minh da manhã, Carolina se levantou e foi buscar água. Era difícil pegar água, porque o povo da

favela duplicava-se. E a torneira era só uma. Chegando lá, encontrou com outras mulheres com suas latas em fila.

O inquietante é a natureza da conversa, que não é regido apenas por assuntos triviais, mas também de cunho político e social. Carolina era perspicaz na crítica que fazia à política brasileira. Mudava-se de políticos de quatro em quatro anos, porém, não mudava quase nada à realidade da favela.

Curiosa, Florenciana, umas das moradoras do Canindé, pergunta de qual partido é a faixa que estava lá exposta. Carolina respondeu que era do Partido Social Brasileiro, do Jânio. Ela referia-se ao Partido Socialista Brasileiro. Jânio Quadros foi vereador e deputado estadual por São Paulo. Também foi prefeito da capital e governador do estado.

Chegou à Presidência da República em 1961, mas só ficou no cargo por sete meses. Foi deposto pelo Golpe Militar. Enquanto Carolina aguardava na fila da torneira, a sua lata ser enchida por água, observava atenta ao diálogo entre os vizinhos.

Florenciana fazia duras críticas ao Dr. Adhemar, chamando-o de ladrão e afirmando que as pessoas que votavam nele não prestavam. D. Maria Puerta discordou e saiu em defesa do Dr. Adhemar, pois tinha afeto pelo político e por sua esposa, D. Leonor. Não contente Florenciana novamente voltou-se contra D. Maria e perguntou se a mesma recebia esmolas do tal político. D. Maria respondeu que sim. O Hospital das Clínicas tinha sido feito do Dr. Adhemar, que tinha sido por duas vezes governador de São Paulo. Carolina ouvia todo o diálogo entre as duas, e sabia que todo político fazia promessas, mas depois de ganho, divorciava-se do povo. Desses que sabiam ler e dos que nem votavam por serem analfabetos.

Após essa discussão, voltaram-se para falar da Rosa, que desde às 04 da madrugada, carregava baldes e mais baldes de água para lavar a roupa em seu barraco. A Rosa precisava todo mês de 20 cruzeiros para pagar. A autora sabia que na favela todos lutavam com dificuldades para sobreviver. Por fim, a lata encheu-se de água e Carolina foi-se embora.

Carolina Maria de Jesus fazia uma reflexão ao rever os seus aborrecimentos diários. Manifestava-se através do ato de escrever à sua forma de lidar com tantos afetos, alguns tão pesados. Escrevendo, lia o mundo.

Deitava-se com o papel e lápis embaixo do traveseiro. Não podia ficar sem escrever.

Escrever um livro com todas as lembranças e práticas do dia a dia da favela, era o seu ideal de vida. Refletia sobre a sua situação e penúria. Condoía-se ao ver tantas agruras reservadas aos favelados. A natureza da autora não era de ferir ninguém. Ela usava de outras estratégias para a sua luta. Carolina era uma mulher de sensatez.

O seu registro geral era 845.936. Não queria ter processos em seu registro. 55 cruzeiros foi o que recebeu do dinheiro do papel. Retornou apressada. Com os 55 cruzeiro comprou leite e pão. Varreu o seu barraco. Preparou Toddy para as crianças. Arrumou os leitos. Colocou o feijão no fogo. Com a intenção de manter os meninos dentro de casa, Carolina pagou 16 cruzeiros ao senhor Ireno Venâncio da Silva par ele fazer um balanço em seu quintal.

Com as crianças dentro de casa, os vizinhos não iam brigar mais com eles. Para a autora, a favela era o pior cortiço que existia. A favela era o quarto de despejo. Temia pela segurança dos filhos e pela hostilidade que os mesmos sofriam. Então, ter um balanço no seu barraco, era um alívio temporário para que ela trabalhasse em paz sem precisar temer a segurança dos seus.

O dia estava ensolarado. Carolina tinha saído para vender as latas. E aproveitou para levar os filhos consigo. Gostava de expor os meninos aos raios solares. Levava Vera Eunice que tinha apenas dois anos no colo. Suportava o peso do saco na cabeça e o peso de Vera em seus braços. Quanta tortura! Precisava leva-la, pois não tinha com quem deixar. Não era fácil a condição de ser uma mulher sozinha no lar. Ganhou 31 cruzeiros com as latas e metais que vendeu. Esses 31 cruzeiros era a quantia exata que ela precisava para quitar a luz. Carolina foi ao Klabin catar papel.

O Klabin era uma companhia que fabricava papel, foi a pioneira na industrialização do país. Apressou-se para logo concluir o trabalho. Passava-se pela sua cabeça o que os vizinhos poderiam fazer com os seus filhos em sua ausência. Carolina se afligia com a demora do tempo em passar. Estava agitada e ansiosa, a cabeça doía-lhe.

Tinha receio de chegar em casa e achar os meninos espancados pelos vizinhos, pois os mesmos tinham costume de atirar pedras em seu barraco. A vizinhança cometia esses tipos de atrocidades em sua ausência. Mas Carolina sabia que a violência nada resolvia, gostava de dizer que a assembleia de favelados era com paus, facas, pedradas e violência.

Estava acostumada com a maldade humana. Ela não retribuía na mesma moeda. Quando se sentia nervosa não discutia, o seu primeiro ímpeto era de escrever. Sentava no quintal e escrevia. Nesse mesmo dia, ela relatava que os jovens de 15 anos não permaneciam nas favelas por muito tempo, logo se ficavam com as meretrizes.

Havia jovens que pegavam no batente. Mas também havia aqueles que só queria saber da vadiagem. Eles rejeitavam o trabalho. As suas mães que iam catar resto de legumes e frutas nas feiras. Tinham igrejas que distribuía pães. E tinha o São Francisco que todo mês doava mantimentos, café e sabão.

Essas mães citadas por Carolina, iam catar na feira qualquer coisa que pudessem comer, tudo que podiam aproveitar, elas catavam. Carolina e os filhos tinham alguns momentos de descontração, dançavam ao som do rádio, brincavam que estavam lutando boxe. Nesse mesmo dia, a autora comprou marmelada e dividiu entre as crianças. Em troca, Carolina recebia deles um olhar amoroso.

Podia-se sentir a felicidade por tão simples que fosse aquele momento. O João José dizia: “Que mamãe boa! ”. Em um diálogo, a sua vizinha, Sílvia, a chama de vagabunda e a humilha dizendo que ela só sabia catar papel. Carolina com a sua valentia, que era algo inerente a ela, dizia que catava papel sim. Catava papel para provar que estava viva.

Catava papel para validar a maneira como vivia. Após toda essa discussão, a autora desabafava que escreveria um livro para provar tudo o que faziam com ela e seus filhos. Todas as cenas desagradáveis que Carolina gravava em sua memória estariam no livro, argumentos ela tinha de sobra. O seu trunfo era o que escrevia. Sabia que através de escrita, viria o seu livro. Ganharia dinheiro com os seus relatos e compraria um terreno para sair da favela.

A autora descreve com certo pesar que não quisesse morar na favela. Que na favela os mais fortes prevaleciam, que demonstravam valentia para

intimidar os mais fracos. Citou os velhos que passavam o dia todo na rua pedindo esmolas. Citou também as mulheres que mantinham o lar, e de como os maridos se acomodavam com a situação.

Carolina não quis mais sair nesse dia para catar papel. Quis apenas deitar. Ela não sentia sono nem cansaço, mas queria deitar. Sabia que precisava ter paciência para suportar as intempéries impostas pela sua condição de vida. Sentia vontade de beber, mas tinha consciência que não podia beber todos os dias. O álcool viciava. Carolina sabia disso.

Ela tinha responsabilidade com os filhos. A autora estava ciente que se gastasse dinheiro com bebida, ia faltar dinheiro para o essencial. Carolina Maria de Jesus se referia ao álcool como feitiço que entrava nos lares e os destruía. Findava-se mais um dia e Carolina, ainda sim, sentia-se forte, resiliente e inabalável.

3.3 “E assim no dia 13 de maio de 1958 eu lutava contra a escravatura atual- a fome!”

“13 de maio

Hoje amanheceu chovendo. É um dia simpático para mim. É o dia da Abolição. Dia que comemoramos a libertação dos escravos.

{...} Nas prisões os negros eram os bodes expiatórios. Mas os brancos agora são mais cultos. E não nos trata com desprezo. Que Deus ilumine os brancos para que os pretos sejam felizes.

Continua chovendo. E eu tenho só feijão e sal. A chuva está forte. Mesmo assim, mandei os meninos para a escola. Estou escrevendo até passar a chuva, para ir lá no senhor Manoel vender os ferros. Com dinheiro dos ferros vou comprar arroz e linguiça. A chuva passou um pouco. Vou sair.

{...} Eu tenho tanto dó dos meus filhos. Quando eles vê as coisas de comer eles brada:

-Viva mamãe!

A manifestação agrada-me. Mas eu já perdi o hábito de sorrir.

Dez minutos depois eles querem mais comida. Eu mandei o João pedir um pouquinho de gordura a Dona Ida. Ela não tinha. Mandei-lhe um bilhete assim:

–“Dona Ida peço-te se pode me arranjar um pouco de gordura, para eu fazer uma sopa para os meninos. Hoje choveu e eu não pude ir catar papel. Agradeço. Carolina.”

{...} Choveu, esfriou. É o inverno que chega. E no inverno a gente come mais. A Vera começou pedir comida. E eu não tinha. Era a reprise do espetáculo. Eu estava com

dois cruzeiros. Pretendia comprar um pouco de farinha para fazer um virado. Fui pedir um pouco de banha a Dona Alice. Ela deu-me a banha e arroz. Era 9 horas da noite quando comemos.

E assim no dia 13 de maio de 1958 eu lutava contra a escravatura atual- a fome! (JESUS. Carolina. 2020, p. 35) ”

Chovia forte no dia 13 de maio. Carolina tinha uma afeição especial por essa data. Por artimanha do destino ou não, o primeiro romance lido por Carolina aos 9 anos de idade, foi justamente “A escrava Isaura”, de Bernardo Guimarães. Ela voltou da casa de sua vizinha com o livro em mãos.

Com tão pouca idade, ela estava em posse de um complexo romance, obra essa que fora publicada originalmente em 1875, no Rio de Janeiro, na efervescência da campanha abolicionista. Não há dúvidas que Carolina se apaixonou de forma arrebatadora por essa obra, não somente por ter sido o seu primeiro livro lido, mas também pela história da protagonista e de todo o seu sofrimento.

Se encantou febrilmente pela leitura, iniciando a sua paixão por livros com um romance de face abolicionista. Os dias chuvosos eram mais difíceis ainda para Carolina. Quando chovia forte ficava impossibilitada de sair para catar papel. Só tinha feijão e sal para comer. Enquanto aguardava a chuva passar, escrevia. Aguardava a chuva estiar para ir no senhor Manoel vender ferros, com o dinheiro compraria arroz e linguiça.

Em muitos momentos, Carolina sentia pena de seus filhos e questionava-se se Deus saberia da existência dos favelados. Em sua inquietude perguntava-se se Deus haveria de saber que os favelados passavam fome. Revoltava-se e a sua revolta era justa. Quando havia o de comer, os filhos vibravam. E quando tinha feijão e arroz então, a festa era garantida.

As crianças sorriam quando viam a comida ferver nas panelas. A sensação de ver o frenesi dos filhos por comida, a comovia. A sensibilizava. Só não sorria por já não ser muito de sorrir. Já tinha perdido o hábito de sorrir. Angustiava-se quando chovia. E no inverno, afligia-se mais ainda. Não sabia o que responder aos filhos quando eles pedissem por comida novamente. Entristecia-se com a sua existência marginal.

Pediu a João para ir à casa de Dona Ilda, buscar um pouco de gordura para fazer a sopa. Não havia nada para comer. E quando a chuva caía, a dificuldade tornava-se mais pesada. Tinha apenas dois cruzeiros. Foi pedir a sua vizinha de barraco, Dona Alice, um pouco de banha.

Dona Alice lhe deu banha e arroz. Apesar dos momentos de conflito na comunidade, não era pouco comum essas proezas de solidariedade. E no dia que se comemorava a abolição da escravatura, Carolina Maria de Jesus e seus filhos, foram ter o que comer às nove horas da noite. A fome açoitava. A esperança por dias dignos se esvaía pouco a pouco. Os favelados iam se convencendo que para viver precisavam imitar os corvos.

3.4 As dificuldades corta o afeto do povo pelos políticos

“16 de maio

Eu amanheci nevosa. Porque eu queria ficar em casa e não tinha nada para comer.

{...} Eu não ia comer porque o pão era pouco. Será que é sou eu que levo esta vida? O que posso esperar do futuro? Um leito em Campos do Jordão. Eu quando estou com fome quero matar o Janio, quero enforçar o Adhemar e queimar o Juscelino.

As dificuldades corta o afeto do povo pelos políticos. (JESUS, 2020, p. 37) ”

Passava-se muito pela cabeça de Carolina se quando lessem o que ela escrevia, se achariam que era mentira ou exagero da sua parte. Entre muitas outras coisas, todos os seus relatos falam sobre a miséria. A hora que ela mais gostava de escrever era pela manhã, logo quando acordava. Mas nesse dia já acordou impaciente, pois não havia nada para comer.

Tinha pão, mas o pão era pouco. Não poderia tirar da boca dos seus filhos. E ver os meninos comendo, lhe trazia um pouco de ânimo e seu espírito se acalmava. Era duro vir ao mundo e não ter o que comer. A loucura lhe chegava e Carolina xingava os políticos. A fome envergonhava uma nação. Questionava-se e revoltava-se se só ela levava uma vida tão miserável.

Temia o futuro. Carolina sabia que muitas outras mulheres da favela, tinham a mesma sina que a dela. As ouviam cochichando. Ouvia os seus lamentos por também não aguentarem mais o alto custo de vida. As pessoas

que viviam nas comunidades eram incrédulas em relação aos políticos. As dificuldades lhe pesavam demais.

3.5 “E quando apodrece jogam fora para os corvos e os infelizes favelados”

“17 de maio

Levantei nervosa. Com vontade de morrer. Já que os pobres estão mal colocados, para que viver? Será que os pobres de outro País sofrem igual aos pobres do Brasil? Eu estava discontente que até cheguei a brigar com o meu filho José Carlos sem motivo.

{...} Chegou um caminhão aqui na favela. O motorista e o seu ajudante jogam umas latas. É linguiça enlatada. Penso: É assim que fazem esses comerciantes insaciáveis. Ficam esperando os preços subir na ganancia de ganhar mais. E quando apodrece jogam fora para os corvos e os infelizes favelados.

Não houve briga. Eu até estou achando isto aqui monotono. Vejo as crianças abrir as latas de linguiça e exclamar satisfeitas:

- Hum! Tá gostosa!

A Dona Alice deu-me uma para experimentar. Mas a lata está estufada. Já está podre. (JESUS. Carolina, 2020, p. 38) ”

Todos os dias era a mesma luta. Luta por sobrevivência. Carolina por muitas vezes pensou em suicídio, é muito claro em alguns dos seus outros relatos, a infelicidade que tinha quando amanhecia o dia com fome. Pensava em suicídio por ter somente ar no estômago.

Pensava em suicídio, mas logo retornava à razão, lembrava dos seus filhos. Com o sentio crítico invejável que tinha, a autora perguntava-se se os pobres dos outros países eram como os pobres do Brasil. E se os políticos de lá eram como os nossos. Carolina tinha consciência que o sistema era desigual. E que a ganância pelo poder fazia com que os políticos não enxergassem um palmo à sua frente.

Os políticos se ocupavam demais com a suas próprias conveniências. Em suas reflexões Carolina chamava a atenção para a dor de uma mãe, a pior coisa era ouvir os seus filhos clamarem por comida. Só dá valor a comida quem passa fome. E a fome é pior das enfermidades.

Todos os dias tinha novidades na favela. E a autora observava tudo, marcava os fatos. Nesse dia, foi um caminhão que foi até a favela jogar linguiças enlatadas. Carolina indignava-se com a ganância dos comerciantes. Aumentavam o preço dos seus produtos, acabavam pelo alto preço não vendendo.

Depois dos gêneros alimentícios perderem a validade, eles iam até a favela, jogar comida podre para os favelados. Zombavam das pessoas que necessitavam. Ver os seus filhos catando comida estragada, causava-lhe revolta. As pessoas da favela disputavam com os corvos e com os ratos. São Paulo a cidade mais conhecida da América do Sul estava enferma.

As favelas eram as úlceras de São Paulo. Como não podiam morrer de fraqueza e não tinham dinheiro para comprar comida. E tinham muito apetite. Recorriam ao lixo.

4- A CONTRIBUIÇÃO DO PENSAMENTO DE CAROLINA DE JESUS PARA A FORMAÇÃO DO EDUCADOR DE JOVENS E ADULTOS

A contribuição do pensamento de Carolina de Jesus para a formação do educador de EJA se insere na perspectiva de uma educação decolonial e antirracista. Esse pensamento que acessamos através do modo de “escrever-se vendo e escrever vivendo”, (EVARISTO, 2020) nos faz ver uma vida sendo vivida e um mundo sendo construído, na perspectiva de uma mulher, negra, mãe solo, escritora, intelectual e favelada do início do século XX no Brasil. suas angustias, seus sonhos, suas conquistas e decepções. Carolina também nos ensina a pensar e a dizer o que pensamos, de forma clara, poética, vivenciada e experienciada. As suas palavras nos levam para um outro lugar e é nesse lugar que tantas outras podem se encontrar. São os sentidos e não os significados dessas “escrevivências”¹ que podem entre outras coisas descolonizar os currículos, especialmente o da EJA.

“Escrevivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também. Pertencem, pois nos apropriamos desses signos gráficos, do valor da escrita, sem esquecer a pujança da oralidade de nossas e de nossos ancestrais”. (EVARISTO, 2020 p. 31)

Fomentar a oralidade presente na sala de EJA e nas atividades por jovens e adultos negros em suas comunidades, bem como enaltecer o seu desempenho em torno da fala refletem ação político pedagógico dessa educação.

Não há como menosprezar o papel que a linguagem irá abranger na educação de jovens e adultos num entendimento de uma educação decolonial e antirracista. A problematização das atividades de leitura e produção de textos, devem ser bem planejadas, levando em consideração a vivência rotineira dos alunos e como eles agem sobre elas, transformando-a. É preciso um estudo no ensino de história e cultura africana e afro-brasileiras.

¹ Termo cunhado pela filósofa Conceição Evaristo

Deve-se buscar identificar, conhecer e compreender para que assim, se estabeleça vínculos com a ancestralidade. Fazer leituras de temáticas que transcrevem os processos de obstinação da diáspora africana no Brasil. Como repensar também a contribuição cultural e popular de artistas e escritores negros e negras, a exemplo de Carolina Maria de Jesus. Nesse sentido, destaco o conceito de escrevivência cunhado por Conceição Evaristo.

O processo de formação dos professores precisa ocorrer constantemente. Para que isso aconteça, as secretarias de Educação, devem sempre disponibilizar cursos de atualização e especialização. Reconsiderar a EJA numa perspectiva de educação decolonial e antirracista, exige criar formas mais democráticas de se efetivarem projetos, avaliação e atividades.

A EJA ganha evidência na agenda das políticas públicas brasileiras com a Lei de nº 9.394/96 estabelece, no art. 4, inciso VI, “oferta de ensino noturno regular, adequado às condições do educando”; e no inciso VII, “oferta de educação escolar para jovens e adultos, com características e modalidades adequadas às suas necessidades e disponibilidades, garantindo-se aos que forem trabalhadores as condições de acesso e permanência escolar”.

Ao mesmo tempo em que se estruturam as políticas para a educação de EJA na realidade do país, tem sido mais crescente a problematização das particularidades das pessoas que vão aos lugares em que a educação acontece, sujeitos mulheres e homens, jovens, negros, indígenas, brancos, idosos que na maioria das vezes têm as suas vozes ignoradas.

No entendimento de achar essa modalidade de ensino não compensável, integrativa, de aceleração de estudos para pessoas de direito e não de favores, sua deliberação não pode ignorar a questão étnico-racial como a essência, dado o padrão do público que responde predominantemente negro. Reconsiderar a EJA num ponto de vista da educação antirracista exige conceber formas mais democráticas de se efetivarem as atuações e propostas para esse público. Cabendo aqui considerar prioritariamente os seus modos de pensar e de existência, buscando compreendê-los.

Dentre as instigações colocadas para a EJA, está o de propiciar a inserção da discussão sobre a questão racial, não como assunto diagonal apenas, ou disciplina do currículo, mas com a problematização, embate e vivências. Esse texto atenta-se ao exemplo da educação popular, leal à

concepção da metodologia freiriana, que arriscava no diálogo da concordância da prática pedagógica.

É essencial levar em conta a articulação entre às inúmeras práxis sociais de leitura e oralidade com as convicções de educação propostas aqui no texto. Através disso, haverá como expor o desempenho da escrita para o estudante da EJA, como forma de ensejar sua implantação no mundo letrado.

Enfatiza-se que a alfabetização alcança a vida dos estudantes quando os mesmos buscam entender e usam os conhecimentos do seu cotidiano, para exercitarem novas habilidades e motivações, para assim, modificarem a sua realidade, tornando-se sujeitos sociais do contexto em que vivem.

É necessário que haja mais iniciativas governamentais, principalmente de municípios e não governamentais que asseverem através do Projeto Político Pedagógico, das práticas educacionais e da organização curricular, a introdução a permanência e as peculiaridades da educação nesta modalidade de EJA, o que não pode ser real se não levar em conta as questões étnicas raciais.

É de suma importância validar princípios conclusivos como na Declaração de Hamburgo, que mostra perspectivas consideráveis para a EJA, pertencentes ao direito à diversidade e igualdade e que estão agregados às convicções de uma educação decolonial e antirracista. É um imenso desafio que a educação de EJA enfrenta, que representa defender e documentar a compreensão cultural e oral dos distintos grupos.

Se em outrora, a luta era para viabilizar o acesso, nos dias atuais ela salienta a permanência na escola. O jovem negro no que se refere à educação ganha mais encurvadura, pois são os que têm nas avaliações escolares os mais baixos índices, sendo muitas vezes expulsos da escola.

Muitos jovens e adultos quando chegam a EJA estão desmotivados, vêm de muitos anos que não frequentam o ambiente escolar. E de tantas outras vivências de exclusão que os alunos vivem em fases diferentes de sua vida por razões diferentes: geracional, social, racial, educacional e de gênero.

Levar em conta tais aspectos, aponta a precisão de tomar o adulto, mas especificamente a juventude, como uma turma híbrida, descrita para além da

faixa etária, levando em conta outros fatores relativos ao condicionamento de vida ao pertencimento étnico-racial dos alunos.

Além de conceituar a compreensão que os alunos (as) de EJA trazem consigo, é preciso arquitetar proposições pedagógicas a partir da vivência da rotina dos/das estudantes, de seus hábitos profissionais e sociais, opções de lazer, religiosidade e suas vivências socioculturais.

Englobar os diferentes e suas peculiaridades exige uma disposição para sempre reinventar uma postura política. Não existe aqui, o intento de responsabilizar os professores (as) de EJA por não abarcarem em seus projetos pedagógicos o assunto étnico-racial, mas destacar a falta de uma política de formação singular para essa laboração nos cursos de licenciatura.

Os sujeitos de EJA com os seus saberes devem instituir como matéria-prima da edificação das atividades propostas e projetos. São essas pessoas que irão escrever com suas vidas a educação de jovens e adultos. O que eles fazem? Como eles vivem? O que anseio? Com quem e onde vivem? Para que vivem? Todas essas indagações precisam sempre atravessar uma proposta pedagógica da EJA.

Gestos ao recepcionar e ao incluir os alunos na chegada, no momento da matrícula, pode tornar-se um momento favorecido para o entendimento desses sujeitos nesse andarilhar do caminho. Recebê-los com alegria, falar que fizeram uma boa escolha ao retomar os estudos, apresentar a escola para os estudantes, são atitudes importantes de receptividade e inserção voltadas para uma educação decolonial e antirracista.

As conversas, o fazer pedagógico, o hábito de escutar são momentos para uma aproximação com esses sujeitos. Nesses primeiros contatos, as informações relevantes já poderão compor um questionário ligado à uma avaliação diagnóstica. O erguimento de uma pedagogia antirracista presume que a fala do sujeito receba tratamento especial e se estabeleça como uma das perspectivas centrais para o progresso e construção de projetos e atividades para a EJA.

O adulto ou jovem que busca mais uma vez a escola não pode ser considerado como um mero coletor de conhecimentos prévios que carecem de ser resgatados pelo professor, mas sim um sujeito que já engenhou sua história de vida, uma identidade só e que, rotineiramente frutifica cultura.

É muito importante não naturalizar as desigualdades e entender o significado das diferenças. Respeitando e agregando a diversidade que engendra a escola, como permitindo um levantamento, de fato, coletiva, em que a fala de cada aluno inserido possa ser ouvida, estamos fortalecendo uma pedagogia decolonial, antirracista e emancipadora.

Na busca por uma sugestão metodológica, pode-se escolher coletivamente por assuntos considerados essenciais para a maioria: relações familiares, trabalho, dificuldades na inserção do mercado de trabalho, história de vida, alimentação e higiene, serviços de saúde, direitos trabalhistas e salário, religião, direitos sociais e organização política; que comprovarão a hegemonia de estudantes negros (as).

Tal sugestão, carece de pesquisa/estudo, sensibilidade e planejamento do professor. Também é necessário cuidado para que os alunos não negros não se sintam culpados e que os negros possam identificar seu valor e presença na construção da cultura e história brasileira.

Também precisa ser pensada a utilização de recursos e dinâmicas que incluam a temática em questão. Ao pedir dinâmicas pedagógicas, pesquisas e utilização de recursos que possam incorporar vídeos, fotografias, filmes, documentários que trabalhem a questão racial com referências positivas. Uma dessas referências é a produção da escritora Carolina Maria de Jesus.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se perceber através da realização deste trabalho que a educação decolonial chega justamente para quebrar paradigmas e padrões como também para dar voz às pessoas subalternizadas, indo em contra a educação eurocêntrica e canonizada.

Refletir e dialogar com o pensamento de Carolina Maria de Jesus, pelo viés de mulher preta, que teve uma educação formal por apenas 2 anos, enfrentou com muita lucidez e valentia a miséria e demais adversidades sociais impostas as pessoas que vivem nas favelas.

Carolina Maria de Jesus na sua escrita, faz um auto relato do cotidiano da favela, e por muitas vezes se questionou se a leitura da sua obra provocaria uma validação no que era relatado, ou seja, se quem realizasse a leitura de suas obras acreditaria na veracidade do que estava escrito.

O “Quarto de despejo, diário de uma favelada”, é uma obra que possui muitos detalhes que são capazes de traduzir o que a autora queria mostrar em seus momentos de desilusão e de revolta pelos políticos, por ser condicionada a viver na indigência.

A modo de conclusão, a catadora de papel, que por inúmeras vezes precisava revirar o lixo para comer, foi capaz de deixar sua obra, que apesar de tamanha importância, precisa ser alcançada por mais educadores, para que estes possam transformar a percepção dos futuros pedagogos e pedagogas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DA ROSA, Carolina Schenatto; DA SILVA, Gilberto Ferreira. Carolina Maria de Jesus and Liminal Thinking in Brazilian Literature. **Estudos Feministas**, v. 28, n. 2, 2020.

DA SILVA, Natalia de Moraes Romão. **DO DESPEJO AO DESPIR: CAROLINA DE JESUS, ESCRIVÊNCIAS PRETUGUESAS E A PERCEPÇÃO DO FEMININO NEGRO EM ALUNAS NO ESPAÇO ESCOLAR PRIVADO**. 2019. Tese de Doutorado. Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca.

DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. **Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: **Mina Comunicação e Arte**, 2020.

EVARISTO, C. Da representação à auto-apresentação da mulher negra na literatura brasileira. **Revista Palmares: Cultura Afro-brasileira**, n. 1, p. 2005.

FLORÊNCIO, Roberto Remígio; LEITE, Vlader Nobre; DE MACEDO RODRIGUES, Roberta. DO QUARTO DE DESPEJO À SALA DE ESTAR DA LITERATURA BRASILEIRA: ENSAIO SOBRE O DIÁRIO DE CAROLINA MARIA DE JESUS. **Revista Língua&Literatura**, v. 23, n. 41, p. 3-19, 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GANDARA, Lemuel da Cruz. **Educação de Jovens e Adultos mediada pelas TDICs**. Instituto Federal de Goiás. Goiás, 2020.

GONÇALVES, Marco Antônio. **Um mundo feito de papel: sofrimento e estetização da vida** (os diários de Carolina Maria de Jesus). **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 20, n. 42, p. 21-47, jul./dez. 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832014000200002>. Acesso em: 19 de outubro de 2022.

JESUS, C. M. **Quarto de Despejo: Diário de uma favelada**. 10 ed. São Paulo: Ática, 2014.

JESUS, Maria Carolina. **Quarto de despejo- edição comemorativa (1960-2020) - Diário de uma favelada**. Ed. Ática. 2020.

MIRANDA, Fernanda Rodrigues de. **Os caminhos literários de Carolina Maria de Jesus: experiência marginal e construção estética**. 2013. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

NORONHA, J. M. G. **Ensaio sobre a autoficção**. Belo Horizonte: UFMG, 2014.

OLIVEIRA, Érika Soares. O Pensamento de Fronteira de Carolina Maria de Jesus. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 40, 2020.

PIRES, Rosane de Almeida. Educação de jovens e adultos. **BRASIL. Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais. Brasília: Secad**, p. 97-106, 2006.

RESENDE, Otto Lara. **Luzes no quarto de despejo**. O Globo, 15 fev. 1977.

RIBEIRO, D. **Lugar de fala**. São Paulo: Pólen, 2019.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. **Uma introdução a Pierre Bourdieu**. Revista Cult (São Paulo). 14 mar. 2010.

SILVESTRE, Nathércia. Carolina de Jesus: a beleza de ser diferente. In: Baleia na Rede: **Revista online do Grupo de Pesquisa e Estudos em Cinema e Literatura**. v. 1 n. 3 (2006): Revisitando o Quarto de despejo. Disponível em: <http://www2.marília.unesp.br/revistas/ind.ex.php/baleianarede/article/view/1367>. Acesso em 20 de outubro de 2022.